

VOZES DE MULHERES DE MEIA IDADE: DESAFIOS E ENFRENTAMENTOS NO PROCESSO DE INSERÇÃO NO ENSINO SUPERIOR

Brenda Tomé Mota de Souza¹

Maria Iraní de Freitas Santos²

Marta Maria Araújo dos Santos³

Ana Márcia Luna Monteiro⁴

Universidade Federal de Pernambuco

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo analisar as vozes de mulheres de meia idade e seus desafios e enfrentamentos no processo de inserção no ensino superior, do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco. A metodologia orientou-se por uma abordagem qualitativa, conjugando na escolha de 12 mulheres voluntárias e entrevista semiestruturada. Buscou-se identificar os motivos que as levaram a ingressar na universidade já na idade madura, bem como conhecer suas experiências pessoais e perspectivas para o futuro. Para tanto, foi feito um aporte teórico numa perspectiva histórica sobre o lugar ocupado pelas mulheres na sociedade no passado e no presente, tomando como referência para a discussão Aragão (2010), Beauvoir (1990), Bourdieu (2007), Guedes (2004), entre outros. Os resultados foram submetidos à análise de Bardin (2006) e permitiram ampliar a compreensão sobre a realidade dessas mulheres, as relações construídas ao longo deste percurso dentro do espaço universitário, a realização de múltiplas tarefas e os aspectos emocionais, demonstrando que todo esse processo acontece de forma muitas vezes conflituosa para a maioria delas.

Palavras-chave: mulher de meia-idade; ensino superior; desafios e enfrentamentos.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem por objetivo investigar os motivos que levam mulheres a ingressar no curso superior após os 40 anos e quais os possíveis enfrentamentos vivenciados durante esse processo, como também suas perspectivas de futuro. O mais recente Censo da Educação Superior do Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais

¹ Concluinte do curso de Pedagogia do Centro de Educação da UFPE – brendatomemota@gmail.com

² Concluinte do curso de Pedagogia do Centro de Educação da UFPE – maria.irani.fs@gmail.com

³ Concluinte do curso de Pedagogia do Centro de Educação da UFPE – marta.evandro@hotmail.com

⁴ Professora Adjunta do Departamento de Psicologia e Orientação Educacionais do Centro de Educação da UFPE – anamarcialuna@hotmail.com

Anísio Teixeira (Inep) revela que entre 2011 e 2013, o número de alunos com mais de 40 anos nas instituições de ensino superior aumentou 27,7%, isso entre homens e mulheres. Também segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) os últimos quatro censos apontam que as mulheres conseguiram reverter o quadro de desigualdade, consolidando cerca de 60% entre os formandos mais jovens. Essa realidade despertou o interesse em investigar este processo de inserção, porém com foco no público feminino de meia-idade, partindo da hipótese que essas mulheres passam por experiências muitas vezes árduas para alcançarem seu espaço, supondo que diante da superação desses enfrentamentos possam atingir resultados positivos no que se refere ao avanço de seus estudos e de sua própria história.

Durante as pesquisas realizadas foram encontrados estudos que tratam da presença feminina nas universidades, porém com diferentes enfoques e perspectivas geralmente relacionadas às questões sociais como, mercado de trabalho, invisibilidade, jornada diária, etc. Entretanto, não foram encontrados nas literaturas pesquisadas estudos quantitativos ou qualitativos referidos especificamente ao ingresso da mulher em idade madura no ensino superior.

Por esta razão, considerando o contexto histórico que envolve a luta das mulheres há décadas para terem direitos adquiridos e respeitados não só como cidadãs, mas também em sua condição de mulher autônoma, faz-se necessário abrir um debate acerca desta temática, pois a nós mulheres além dos direitos civis, também importa discutir os (pré) conceitos construídos ao longo da história, que sufocaram, inibiram e reprimiram o direito em ocupar seu lugar dentro dessa sociedade patriarcal. Desse modo, vemos a discussão desta temática como um importante instrumento de reflexão frente aos avanços conquistados, especialmente às mulheres pesquisadas neste estudo que viveram mais fortemente o modelo desta educação autoritária e abusiva. Com isso, o conteúdo desta investigação pretende contribuir para um olhar diferenciado ao público feminino de meia idade respeitando suas falas, seus enfrentamentos e conquistas convidando ao envolvimento na luta diária pela busca de seu espaço na sociedade, onde possam exercer o seu papel de “mulher” de maneira igualitária em sua dimensão familiar, profissional e social. Em vista disso, é neste cenário que enfatizamos a meia-idade feminina dentro do universo acadêmico com o intuito de compreender os diversos princípios que envolvem as experiências nesta fase da vida na qual se encontram nossas entrevistadas.

OBJETIVOS

Geral:

-Analisar os desafios e enfrentamentos de mulheres com idade acima de 40 anos no curso de pedagogia da UFPE.

Específicos:

-Conhecer as experiências e os motivos que levaram estas mulheres a buscar o curso superior em Pedagogia na idade madura;

-Identificar suas perspectivas de futuro profissional.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O debate sobre a inserção da mulher de meia idade no ensino superior tem-se mostrado fundamental para o entendimento da sociedade contemporânea, bem como a contribuição para produção de conhecimento e estratégias de desenvolvimento no campo educacional. Percebe-se que por todo o mundo, as desigualdades referentes às mulheres, estão presentes na história da educação, uma vez que as mesmas são recorrentemente excluídas ou têm sua participação pouco valorizada. O estudo do percurso histórico das mulheres no ensino superior revela os enfrentamentos diversos que essas mulheres passam para se manter no curso. Faz-se necessário, no entanto, analisar historicamente a condição do público feminino em nossa sociedade ao longo dos tempos, para que assim, possamos compreender melhor os fatores que contribuem tanto para o afastamento quanto para o acesso ao ensino no Brasil, em especial no que se refere ao ensino superior.

Revisão Histórica do Papel Social da Mulher no Cenário Brasileiro

Sabemos que a mulher, há algumas décadas no aspecto profissional, vem lutando para conquistar na sociedade um papel de igualdade com o homem, assegurando direitos que lhe são garantidos por lei e um desses direitos é o acesso à educação. Se o acesso das mulheres ao ensino regular já fora uma conquista árdua, seu acesso ao ensino superior foi um processo ainda mais desafiador. A análise do percurso histórico de mulheres brasileiras revela que estas enfrentaram diversas dificuldades para obterem direitos à escolaridade e durante muito tempo a educação da grande maioria delas

destinava-se apenas ao mundo privado, e embora houvesse uma preocupação com sua educação, o que lhes era ensinado, na prática não saía de dentro de suas casas. Sua educação sempre foi voltada para os afazeres domésticos, pois lhes era ensinado apenas o ato de bordar e costurar. Algumas que tinham um maior poder econômico lhes eram oferecidas aulas de etiqueta e poderiam aprender outra língua, preferencialmente o francês. É importante ressaltar que, apesar de haver uma grande preocupação com a educação das mulheres, houve uma grande demora para que viessem a ter acesso às escolas e quando isto aconteceu a finalidade da educação feminina era diferenciada, enquanto aos homens, sua educação era voltada para serem advogados e médicos às mulheres apenas lhes eram ensinadas as prendas domésticas e ainda foram excluídas do ensino universitário. Sobre isto, Bauer (2001) afirma:

Em meados do século XIV, devido a uma grave crise econômica, a mulher foi banida do mundo do trabalho e reclusa ao lar. A subordinação feminina era quase que total. Elas foram excluídas de atividades que desde tempos remotos, realizavam, como, por exemplo, a enfermagem. As universidades, instituições criadas no século XIII, também foram proibidas às mulheres.

Com a criação das fábricas na Revolução Industrial, as mulheres começam a romper algumas das barreiras impostas iniciando a vida de trabalhadora fora do lar. É aí que se inicia seu processo de emancipação. Entretanto esse trabalho apesar de ser um avanço não ofertava tantas melhorias, elas exerciam as mesmas funções que os homens, porém com uma remuneração salarial muito menor.

Foi nos Estados Unidos da América que aconteceu primeiramente a entrada das mulheres na universidade, especificamente no ano de 1837, a partir da criação da universidade exclusiva para elas, a chamada Women's College localizada no estado de Ohio. Lá era oferecido apenas curso de bacharelado, os cursos de mestrado e doutorado ainda não faziam parte da oferta. Por um bom tempo, o acesso universitário para a mulher aparecia apenas nos Estados Unidos, na Europa esse processo se deu mais tardiamente. As grandes universidades não foram as pioneiras no que diz respeito à inclusão de mulheres no ensino superior. Cambridge e Oxford, segundo Marías (1981) só abriram as portas para a mulher no século XX.

No Brasil, o início do ensino superior para o público feminino só se deu no final do século XIX, no Estado da Bahia, no ano de 1887, na faculdade de medicina. Para Aranha (2006,p.230) “a primeira mulher a se matricular na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro foi Dona Ambrozina de Magalhães, em 1881”, já para Beltrão e Alves

(2009), foi somente em 1887 que Rita Lobato Velho Lopes tornou-se a primeira mulher a obter o título de médica no Brasil. Apesar das controvérsias nas informações, é pertinente afirmar que todas apontam que o acesso da mulher no ensino superior se deu no Brasil nos anos de 1880. Contudo, a autorização para frequentarem um curso superior se deu no ano de 1879, pelo então imperador do Brasil, Dom Pedro II. A partir daí as mulheres começam a fazer parte de uma forma bem significativa no ensino universitário brasileiro.

Porém, vemos ainda muito presentes na realidade brasileira antigos valores e estereótipos em relação a suas atribuições, à mulher cabe a maternidade e ao homem ser o mentor e mantenedor da família. Sobre tais atribuições, Scott (1995), vai dizer que é fruto de uma relação de poder entre os gêneros. O percurso histórico das mulheres brasileiras aponta inúmeras dificuldades para conseguirem obter o direito ao ensino, pois é sabido que por muito tempo a mulher era educada apenas para aprender e exercer os trabalhos domésticos e maternos, pois tinha o dever de ser boa mãe e esposa. Isto porque, de acordo com a cultura socialmente construída na época, não havia necessidade de educação escolarizada, já que sua função era exclusivamente doméstica. Segundo Aragão e Kreutz (2010,p.109), “desde o período colonial, a educação feminina era restrita ao lar e para o lar, ou seja, aprendiam atividades que possibilitassem o bom governo da casa e dos filhos”.

Comte (2000, p.278) também reforça a postura do poder patriarcal ao afirmar que:

Toda mulher deve, pois, ser cuidadosamente preservada do trabalho exterior, a fim de poder preencher dignamente sua santa missão. Voluntariamente no santuário doméstico, a mulher aí promove livremente o aperfeiçoamento moral de seu esposo e de seus filhos, cujas justas homenagens ela aí dignamente recebe.

Diferentemente, ao homem eram designadas tarefas que remetessem à força, à inteligência, firmeza e tomadas de decisão. De acordo com Silva (2002, p.12), “o mundo público, onde as qualidades dominantes são a força, a inteligência operacional, a capacidade de decisão, o ”pulso firme” e a contenção de sentimentos”. Ou seja, às mulheres cabiam as atividades relacionadas ao emocional, sentimentos, por sua “natureza delicada e sensível”, sendo colocada numa posição inferior, enquanto ao homem era atribuída toda racionalidade. Porém, na década de 70 os movimentos pela emancipação feminina começaram a ter maior visibilidade e conseqüentemente, trouxe mudança na condição da mulher na sociedade, isto possibilitou a maior participação das

mulheres no mercado de trabalho, e aos poucos foram quebrando alguns preconceitos contra seu ingresso em profissões antes socialmente reconhecidas aos homens, da mesma forma na escolha dos cursos superiores. Esta revolução feminina nas últimas décadas veio trazer novos conceitos e conseqüentemente novas formas de agir. Podemos dizer que as experiências vivenciadas hoje pelas novas gerações, são frutos de sementes lançadas tempos atrás, traduzidos nas conquistas iniciadas por uma geração oprimida, resultando na ocupação das mulheres em espaços antes considerados exclusivamente masculinos.

Hoje, embora o grande desafio da mulher nas universidades tenha mudado de figura, pode-se afirmar que no decorrer do século XX houve poucas mudanças em relação à educação feminina, provavelmente devido às condições econômicas, políticas e culturais brasileiras. Apesar de agora terem o acesso às universidades, o desafio é de adentrar nas áreas que ainda são predominantemente masculinas. A grande maioria das mulheres ainda está em cursos historicamente denominados femininos, tais como letras, enfermagem, pedagogia, etc. e esse ingresso será mais uma luta contra o preconceito estampado na sociedade.

O Ingresso das Mulheres de Meia Idade no Ensino Superior

Mulheres de meia-idade que ingressam na universidade pela primeira vez fazem desse evento o sonho de suas vidas. A possibilidade de voltar a fazer planos nessa altura da vida onde os filhos já estão crescidos, a força física ou o poder de concentração talvez já não sejam mais os mesmos, causa um efeito muito positivo porque proporciona novas experiências e novos conhecimentos, além de ser uma renovação de suas forças. Essa conquista reafirma para si e para os outros a sua capacidade de ainda poder realizar grandes feitos e com isso desenvolver essas habilidades que trarão contribuições tanto para si, quanto para a sociedade, fazendo repercutir um sentimento de utilidade, pois as chances de entrar no mercado de trabalho só aumentarão com a reafirmação de sua condição profissional, além de evidentemente proporcionar a experiência de fazer algo que lhe trará prazer.

Obviamente que a chegada da meia-idade traz consigo muitas transformações, seja de perdas ou de ganhos, físicas, psicológicas ou sociais. No contexto atual a mulher de meia-idade tem vivenciado esta etapa da vida com muito mais força, segurança e desejo de independência, quer seja profissional ou não. O maior acesso às informações e

ocupação dos espaços ditos exclusivamente masculinos trouxe esta mulher a uma nova reflexão e a consequente compreensão desses espaços como seus também. Isto tem colaborado para que esta fase da vida seja encarada como uma fase tão produtiva como as outras e que isso independe da idade.

De acordo com Margis e Cordioli (2001), esse é um período em que a pessoa faz uma avaliação sobre sua vida e projetos, examina suas atitudes e escolhas, ou seja, questiona seu percurso. Segundo Lachman (2004), é comum o sujeito, nesta fase, olhar para trás na intenção de avaliar seu trajeto até ali e também de considerar cautelosamente o que virá adiante. Para a autora, é saudável que a prioridade nesse período seja realizar aquilo que ainda não foi realizado e não aquilo que já foi ou poderia ter sido.

Embora seja visível o aumento do ingresso das mulheres nas universidades brasileiras, a discriminação permanece dessa vez não pelo acesso, mas quanto à escolha do curso. Podemos perceber que o curso de Pedagogia como opção profissional tem uma representação significativa. Muito provavelmente reflexo da construção social no passado onde se considerava possível para as mulheres exercer apenas carreiras “tipicamente femininas”. Bourdieu (2007) levanta a questão da vocação para a especificidade dessa escolha das mulheres sob a ótica da violência simbólica, mesmo que inconsciente. Ele vai dizer que a ideia da livre oportunidade de escolha das mulheres, seja no campo profissional, na universidade ou até mesmo na vida política, esconde o encantamento que os efeitos da dominação masculina ainda exercem sobre os corpos e as mentes femininas. Para Ávila (2009, p.95):

As preferências quanto à escolha dos cursos foram se construindo ao longo do processo de escolarização dos sujeitos femininos e masculinos, dando origem a áreas demarcadas como mais “femininas”, como área das ciências humanas e a maior parte dos cursos da saúde, ou mais “masculinas”, como aqueles da área das ciências exatas e carreiras tecnológicas.

Tal afirmação faz pensar se mediante as mudanças ocorridas ao longo do tempo seria apropriado continuar afirmando, nos dias atuais, que os efeitos dessa dominação masculina ainda exercem tanto poder e controle a ponto de se excluírem de determinadas carreiras profissionais? Touraine (2007) questiona se não seria um paradoxo que os livros escritos sobre mulheres nos mostrem em sua maioria a figura de uma mulher dependente e dominada, apesar de tantas vitórias alcançadas. Ao que nos parece os enfrentamentos relacionados às questões de gênero é algo que embora tenha havido grandes avanços na quebra das diferenças e posições sociais, ainda é um tema

longe de estar bem definido e resolvido em sua absoluta pretensão. Outro fator que pode colaborar para essa escolha é a ideia que se faz dos cursos como Licenciatura e Pedagogia considerados de baixo prestígio e de menor média, “facilitando” a entrada na universidade pública. Também consideremos que essas escolhas muitas vezes podem estar atreladas às condições econômicas ou pela baixa condição escolar que possui, e não necessariamente por vocação ou imposições da sociedade. O fato é que esses elementos contribuem para o acesso e permanência não só das mulheres, mas também de qualquer um que queira ingressar no curso superior.

Enfrentamentos e Permanência

O sentido das mudanças que hoje acontecem na sociedade brasileira foi encorajado pelas mulheres e suas lutas por direitos sociais e políticos. Historicamente, a sociedade patriarcal brasileira restringiu espaços e ações para homens e mulheres, dessa forma construindo modelos de comportamento. Como já mencionado, a figura feminina era associada ao espaço do lar e a atividades voltadas aos filhos, família, marido etc. Contudo, essas mudanças trouxeram junto aos avanços uma sobrecarga da dupla jornada de trabalho. Para as mulheres do passado não havia muitas possibilidades de escolha, já para as mulheres contemporâneas as possibilidades de escolhas vêm muitas vezes acompanhadas de aflições, preocupações e inquietudes. E esse é um desafio que muitas mulheres ainda estão aprendendo a conviver. Apesar de mulheres de meia idade terem conseguido nos últimos tempos adentrarem com bastante força às universidades em busca de uma profissionalização e, muitas vezes, de uma realização pessoal, não são poucos os enfrentamentos com os quais elas têm se deparado. Nos dias atuais, podemos observar como são profundas as marcas das mulheres que constituem famílias, tornam-se donas de casas, têm filhos, precisam trabalhar e desejam cursar a graduação. As demandas da vida em sociedade não permitem refletir sobre a grandeza e a complexidade que representa sobreviver a demasiados afazeres, compromissos, tarefas e obrigações a realizar.

Ter que desempenhar várias atividades não é fácil, tampouco algo simples de se executar. A realização de diferentes tarefas consecutivas limita e dificulta uma dedicação total a suas atribuições, alguma coisa sempre vai ficar para depois, ou será feita pela metade ou mal feita e isto pode causar um misto de sentimentos de culpa, consequência da sobrecarga de trabalho. Para Soares (2006b), as muitas culpas que as

mulheres impõem a si mesmas ainda é reflexo desse modelo social patriarcal. Apesar das significativas mudanças esse modelo ainda é fortemente presente no imaginário da sociedade moderna.

Além da dupla ou tríplice jornada, outros enfrentamentos são vivenciados por estas mulheres, como por exemplo, o sono, o cansaço, a divisão do tempo, a dificuldade de concentração, a adequação às novas leituras, às novas metodologias de ensino e aprendizagem, as atuais concepções sobre sociedade, política, a tecnologia etc. Adentrar em um curso de graduação, depois de mais de 20 anos sem ter contato com os estudos, faz com que se depare com um grande desafio: compreender a complexidade e as exigências deste nível de ensino. Em decorrência de uma sociedade patriarcal, muitas dessas mulheres ficaram restritas apenas aos cuidados e funções no espaço doméstico, porém com a inserção no curso de graduação, muitas delas acabam conseguindo um espaço no mercado de trabalho, em função de uma busca pelo aperfeiçoamento profissional e melhores condições de vida. Sobre isto, Guedes (2004, p.05) afirma:

O contexto social em que ocorre a expansão do ensino superior é marcado pela abertura do regime político ditatorial, a liberalização sexual e a quebra de antigos tabus. O movimento feminista começa a surgir no Brasil e a entrada das mulheres no mercado de trabalho começa a ser assistida também nas classes mais altas, onde tradicionalmente o papel desempenhado pelo contingente feminino estava ligado ao espaço doméstico e aos afazeres do lar. Estas mudanças são de suma importância para o espaço ocupado pelas mulheres no processo de escolarização da população brasileira.

Desta forma, as mulheres são desafiadas a superar seus limites na concretização de uma formação superior, visando estabelecer-se social e profissionalmente.

METODOLOGIA

Realizamos uma pesquisa de abordagem qualitativa, por possuir um caráter mais exploratório e auxiliar melhor no entendimento mais detalhado das informações, compreendendo de forma mais profunda atitudes, motivos e comportamentos das participantes, considerando aspectos subjetivos que não se traduzem em números. Segundo Godoy (1995, p.58) a pesquisa qualitativa não procura enumerar ou medir os eventos estudados, nem emprega instrumental estatístico na análise dos dados, envolve a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada. Portanto, escolhemos esta metodologia por acreditar e perceber que as participantes pudessem apontar de forma

mais espontânea seus pontos de vista sobre assuntos relacionados a este estudo. O campo de investigação foram os espaços internos da UFPE e foram feitas entrevistas com 12 mulheres de meia idade, todas do curso de pedagogia que puderam ao longo das entrevistas discorrer sobre questões como: seus motivos, desafios, enfrentamentos e perspectivas de futuro. As participantes foram selecionadas de acordo com os seguintes critérios: 1) Público feminino; 2) Ter mais de 40 anos; 3) Ser estudante do curso de pedagogia desta instituição.

A escolha das participantes se deu no primeiro momento a partir da procura de mulheres com o perfil desejado através de observação, em seguida, abordamos as mesmas nos espaços do Centro de Educação para uma breve conversa, onde pudemos explicar o tema do estudo e também sua importância para a realização da pesquisa. Nesta primeira conversa trocamos telefones e e-mails e acordamos de entrar em contato para marcar as entrevistas. Feito este acordo agendamos um horário que atendesse à disponibilidade de cada uma e também nossa, de modo que, pelo menos duas das pesquisadoras estivessem presentes. As entrevistas aconteceram ao longo de duas semanas e nos foi cedido um espaço reservado onde as participantes pudessem se sentir mais à vontade.

Para a coleta de dados optamos por utilizar uma entrevista semiestruturada, definida por Demo (1995) como atividade científica que nos permite descobrir a realidade. Esta foi composta por sete perguntas referentes aos motivos, ingresso, desafios, permanência e perspectiva futura dessas estudantes no curso superior. No roteiro, optamos por organizá-lo com perguntas básicas, porém permitindo que pudessem ser “complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas à entrevista”, como afirma Manzini (1990/1991, p.154). Esse tipo de entrevista fez surgir informações novas e mais livres, desvinculadas das alternativas sugeridas pelo roteiro utilizado, e permitiu que as participantes fossem mais espontâneas. Deste modo, a entrevista foi composta pelas seguintes questões: 1) Quais os motivos que a levou a ingressar no ensino superior após os 40 anos; 2) Porque a escolha do curso de pedagogia; 3) Quais os maiores desafios ou enfrentamentos encontrados para se manter durante o curso; 4) Como você encara o seu espaço dentro da Universidade e como você acha que as pessoas encaram; 5) Como você se via antes do curso e como se vê agora depois de ingressar na Universidade; 6) o que significa estar aqui; 7) Qual a perspectiva de futuro.

Para análise dos conteúdos optamos por utilizar as etapas descritas por Bardin (2006): pré-análise; exploração do material e tratamento dos resultados, inferência e interpretação.

QUEM SÃO ESSAS MULHERES

As 12 participantes deste estudo tem entre 41 a 63, sendo 3 divorciadas e 9 casadas, tendo de 1 a 4 filhos, apenas 1 disse não ser mãe. Com relação ao lugar de origem 1 é natural de Limoeiro, 1 da Bahia, 1 de Palmares, 1 de Vertentes, 1 de Carpina e 7 são naturais da cidade do Recife. As ocupações compreendem: trabalho nas áreas da educação, por uma delas possuir magistério e atuar na área, atividades remuneradas dentro da universidade e algumas delas não trabalham. Referente ao tempo em que ficaram sem estudar 10 declararam ter sido entre 20 a 25 anos, e 2 afirmaram ter cursado outra graduação quando jovem, porém não exerceram a profissão se dedicando ao lar, só agora na idade madura retomaram seus estudos. Todas disseram ser oriundas de escolas públicas, pertencentes à camada popular e possuem dupla ou tripla jornada diária.

ANÁLISE

Nosso objetivo geral foi o de identificar e analisar os desafios e enfrentamentos de mulheres de meia idade no processo de inserção no curso superior, além de especificamente conhecer os motivos que as levaram a retomar os estudos após 40 anos e saber suas perspectivas de futuro. Para tal investigação, optamos por utilizar nomes fictícios a fim de não comprometer ou expor as nossas entrevistadas, a escolha desses nomes se deu durante nossa conversa, quando algumas delas sugeriram como gostariam de serem chamadas e esse momento aconteceu de forma espontânea e descontraída, tornando nosso encontro mais agradável.

Durante o estudo foram encontrados dados que respondem a nossos objetivos. A partir das respostas das entrevistadas pode-se perceber que a maioria enxerga a volta à universidade como a realização de um sonho antigo, a vontade de sair da rotina de casa, a busca pela melhoria de vida nos âmbitos profissional e pessoal, o desejo de ajudar o outro, o amor pelo ensino e até mesmo a fuga após uma separação. Dentre os diversos

motivos chama à atenção a fala de duas das participantes que retratam essa volta de forma muito positiva apesar de dolorosa.

“Para mim, eu acho que na verdade, nesse momento agora, não foi mais nem pensando profissionalmente, foi um resgate de mim mesma. Eu me achei assim um pouco perdida de mim e achava que voltando a estudar eu ia me reencontrar [...] voltando a estudar eu acho que tem me trazido de volta. Foi eu acho que o principal, foi isso. Restaurar minha autoestima.” (Maria).

“Eu era casada e devido a nossa separação eu tive que me ocupar né, ocupar realmente a minha cabeça e você, desempregada, sem perspectiva, um pouco de dinheiro que a cada dia ia diminuindo né, não era muita coisa, eu tinha que fazer alguma coisa e eu achei mais fácil naquele momento em ocupar minha mente com estudos, com alguma coisa pra ler, com alguma coisa que me desse um motivo, uma sustentação né.” (Janete).

Fica evidente nas falas acima citadas que as razões do retorno ao estudo e à vida escolar envolvem questões muito mais fortes, além daquelas já supostamente imaginadas. Estas mulheres que hoje cada vez mais ocupam os corredores e salas das universidades guardam dentro de si histórias belas ou conflitantes que as levaram a estar ali não apenas buscando conhecimento, mas também o fortalecimento da autoestima, do amor-próprio, isso mostra também o quanto os estudos, a leitura, o ambiente educacional, as relações que se constroem ali dentro, são ferramentas importantíssimas no preenchimento do vazio que se formou mediante a interrupção de algo que forçadamente foi deixado pra trás. Na verdade o que elas desejam é estar em evidência, como afirma uma delas, “Quero estar em evidência, não só estar em casa, entende? Eu sinto que se eu parar eu vou cair, eu sinto que eu preciso estar em evidência”. (Anita). É um tipo de resgate que Baltés (1997) vai chamar de compensação frente às perdas, um retorno positivo à vida compensará ou trará alívio às frustrações dessas perdas.

Escolha do curso

As concepções preconceituosas culturalmente construídas em relação à mulher também se estendem à escolha do curso de pedagogia, que ainda hoje é predominantemente feminino. Quando perguntadas sobre essa escolha as respostas foram praticamente as mesmas, amor ao ensino, ser útil.

“Porque eu amo a educação, eu acho que é um caminho maravilhoso para uma maior reflexão das pessoas, uma maior agregação para uma vida estável, tanto material como espiritual, emocional. Eu acho que abrange tudo né? [...] você quer ser útil ao seu próximo e eu quero ser útil.” (Rose).

“Eu acho que pode ter sido lembrança da infância, na verdade juntou aquele desejo de querer fazer algo pelo outro, sabe?” (Clara).

“Eu sempre gostei dessa parte de ajudar o outro então pedagogia assimila um pouco, porque você não tá deixando de ajudar, de dar aquela contribuição na área da educação.” (Anita).

Tomando essas respostas por base, fica claro que tudo gira em torno desse “amor”, da necessidade de ajudar o outro. Então vale a pena refletir se esse sentimento tão nobre poderia estar inconscientemente relacionado à educação baseada no cuidar, na significação da extensão do lar, condicionado à figura feminina. É sabido que determinados conceitos são difíceis de serem superados quando estão profundamente internalizados e cortar estas raízes construídas ao longo da vida que sustentam e alimentam essas ideias, requer um processo de aprendizagem diária. Assim, o desejo relatado por essas mulheres, de permanecer num ambiente e profissão que envolvam essas emoções no sentido do “cuidar” ou “fazer algo pelo outro” não é difícil relacionar com a história da educação feminina. Portanto, não é absurdo dizer que consciente ou não, muito provavelmente ainda se estende às mulheres as funções ditas delicadas, como reafirma Silva (2002) por sua “natureza delicada e sensível”. Pensando nessa perspectiva, a mulher busca sua independência, realiza seus objetivos de futuro, porém não consegue fugir dessa “missão” de cuidadora, citada por Comte (2000), e imposta desde há séculos passados.

Paulo Freire (1997) aborda a questão da identificação da professora, em específico da educação infantil, no tocante à terminologia de tia dada a esta profissional, fazendo com que esta expressão promova uma sensação de extensão do lar a este aluno. Porém ele adverte ao perigo que este tipo de conduta pode causar quando diz que “Ensinar é profissão que envolve certa tarefa, certa militância, certa especificidade no seu cumprimento enquanto ser tia é viver uma relação de parentesco” (FREIRE, 1997, P.9). E completa dizendo que a referência à figura da tia leva a uma compreensão distorcida da tarefa da professora, além de ocultar o que ele chama de “sombra ideológica” que recai sobre essa falsa identificação.

Essa atribuição “concedida” à mulher, principalmente no que se refere à educação infantil, é compreendida por Sayão (2005) como uma ideia das concepções ligadas ao biológico, relacionadas à reprodução e à maternidade, segundo ela, este princípio teórico vem de uma perspectiva culturalista direcionada para o “cuidado” como exclusivo do “trabalho feminino” colocando o homem como incapaz de exercer essa tarefa. Contudo, é importante frisar que alguns homens estão conseguindo mudar esse rótulo criado em torno do curso de pedagogia e aos poucos estão adentrando este

universo feminino assim como as mulheres cada vez mais procuram se desligar dessa figura exclusivamente maternal e tentam ocupar ambientes onde nunca foram aceitas, devido às construções sociais patriarcais que enaltecem o discurso da “inferioridade” e da “fragilidade”. É realmente necessário problematizar estes discursos “machistas” e tentar objetivar nossas escolhas partindo tanto das vocações quanto de nossas competências.

Desafios e Enfrentamentos

No que se refere aos desafios e enfrentamentos é importante salientar o tempo em que essas mulheres ficaram sem estudar que foi em média 20 anos. Este foi o período em que vivenciaram diversos obstáculos sejam familiares, pessoais, financeiros etc. que as impediram de continuar os estudos. Então, ao retornar sentiram dificuldades em se readaptar a sala de aula. Agora, com a nova rotina, organizar e conciliar o tempo disponível com as diversas atividades do cotidiano, concretizadas nas duplas e até triplas jornadas diárias, lidar com o fator tempo tem sido muito desafiante no tocante ao “dar conta” de todas as tarefas que se propõem.

“Então, a minha rotina, ela é bem corrida e desgastante. Eu acordo cedo, durmo tarde e como já falei, tenho três filhos e uma casa pra administrar.” (Lúcia).

“É muito difícil, porque sou mulher, em primeiro lugar, sou aluna, sou mãe, sou esposa e pra você conciliar isso tudo, e conseguir dar conta, é muito difícil, entendeu?” (Olga).

Entendemos que a dupla ou tripla jornada diária não é apenas uma dificuldade para as mulheres de meia idade, mas diz respeito a muitas mulheres que se enquadram neste perfil da mulher contemporânea. Porém, vivenciar esses desafios em idade madura parece ter um peso maior quando o envelhecimento natural do corpo nos rouba aos poucos a vitalidade, característica forte da juventude. Após os 40 anos o cansaço parece mais presente, embora obviamente não signifique que seja uma regra. Foi percebido em todas as falas das entrevistadas que na divisão da realização das tarefas domésticas e acadêmicas, todas priorizavam as atividades acadêmicas, sempre havia um jeitinho de deixar pra depois aquele “servicinho” de casa. Também utilizavam algumas estratégias quanto ao uso do tempo para lidar com as demandas: dentro do ônibus; no horário das refeições; na biblioteca; nas mesas do hall do CE ou até mesmo na própria sala.

Um ponto importante a destacar é a colaboração dos filhos e esposos, citado por algumas delas. Ter as tarefas domésticas divididas com a família é fundamental nesse

processo de tempo/demandas, pois funciona como elemento facilitador para a permanência na universidade, não determinante, mas facilitador.

Para uma das participantes, em específico, o grande desafio foi voltar a estudar tendo desenvolvido deficiência visual, consequência de um glaucoma.

“Olhe, meu maior problema foi estudar sendo deficiente, porque minha vida toda eu estudei “vendo”, então aquela relação do papel e das letrinhas com a gente é muito bom (risos). Então, me adaptar a estudar pela audição foi meu maior desafio. [...] Eu tenho direito de estar onde eu quiser estar, não importa a idade [...] E quanto a essa história como eu ouvi “mas pra que nessa idade, se podia dar a vaga pra uma pessoa jovem? Eu disse: então a pessoa jovem estude pra fazer competição comigo, né!” (Ana).

Este depoimento reforça o quanto a mulher hoje tem sido protagonista das suas escolhas, ela poderia ter escolhido ficar em casa, mediante sua deficiência e as palavras negativas que ouviu durante esse processo, mas não o fez, preferiu seguir adiante, pois sabe que é dona de outras habilidades, que não a impedem de realizar seus sonhos. A mulher contemporânea se descobriu, tem mostrado seu valor, sua força e sabe que o seu lugar é onde quiser estar e está aprendendo a fortalecer tanto sua individualidade quanto a sua vivência coletiva. Conforme Sarti (2003) essas mudanças se deram a partir da luta por direitos sociais e políticos e permitiu às mulheres a reestruturação de seu lugar e de seus papéis nos âmbitos público e privado.

Em vista disso, é importante enxergar e ouvir estas mulheres com mais carinho, respeito e claro, igualdade, pois ao serem perguntadas como encaram sua presença no espaço universitário e como elas acham que os jovens e até mesmo professores as percebem ou encaram, palavras como preconceito, discriminação, rejeição, exclusão foram muito citadas e presentes na maioria das falas quase todas passaram por situações constrangedoras nesse sentido, as que disseram não ter passado, afirmaram ter percebido ou presenciado com algumas colegas e esse tem sido um dos maiores desafios vividos por elas.

“Eu percebo que se faz um pouquinho de separação, as meninas acham que porque, querendo ou não, a gente tem uma leitura mais lenta, a gente tem uma compreensão um pouquinho deficitária por conta de, por exemplo, eu falo de mim, enquanto eu enferrujei, eu não lia, eu não via repórter, eu não me atualizava, então, isso tudinho me deixou como se fosse uma peça obsoleta. Quando eu retornei pra sala de aula eu tinha dificuldade realmente na compreensão de alguns textos e principalmente na leitura, enquanto as meninas mais novas, elas leem rapidamente, pegam no ar, eu preciso ler e reler, então, as meninas acham, acreditam que a gente meio que atrapalha um pouquinho por conta disso, mas agente se mostra capaz, se mostra disponível, a gente coopera sim, e acompanha sim, em um outro ritmo, mas a gente se esforça de igual modo”. (Neide)

“Tem uns pontos que fica muito a desejar e eu me sinto as vezes excluída de roda de conversa, as vezes sinto-me excluída de certas coisas que assim, eu tô aqui, parece que eu não tô, entende?”. (Clara).

“Eu senti um pouco de rejeição, entende? Eu acho que só no meio do curso foi que houve mais aceitação, assim, em relação a mim [...] e isso também me bloqueava, entende? Por que eu não conseguia colocar pra fora aquilo que ”tava” reprimida dentro de mim, que era o que eu sabia, entende?”. (Anita).

Percebe-se aqui que as relações interpessoais não acontecem de maneira muito harmoniosa, mas complexa para muitas delas, principalmente no momento de formar grupos para realização das atividades. Esse, segundo elas, é o momento que essa rejeição fica mais evidente. Contudo uma das participantes levantou um ponto importante nesta discussão conflituosa das relações. “Tem um preconceitozinho, mas não é culpa deles, é como nossa sociedade impõe, não é?”. Essa fala é bem pertinente, pois é bem verdade que sentimentos negativos como o preconceito são construídos socialmente. Esses eventos ocorrem devido às “mudanças rápidas de conhecimentos, pelo questionamento de valores, pelo fenômeno da globalização, pela confiança nos sistemas abstratos, pela obsolescência e descartabilidade de objetos, pessoas e relações, com certo menosprezo pelo valor da vida.” (Freire e Resende, 2001,p.73). Deste modo somos induzidos culturalmente a não reconhecer a capacidade produtiva dos mais velhos e isso implica em ignorar sua presença. Outro ponto bastante interessante levantado por uma das entrevistadas foi em relação à imagem, ao referir-se a uma colega de turma da mesma faixa etária que mantém um bom relacionamento com os jovens. “Mas ela não tem cabelo branco, compreende? Às vezes eu penso que é a imagem, compreende?” (Rose). Parece-nos neste caso, haver uma ligação na ideologia do espírito jovem mencionada por Barreto (1992) onde a identificação com a jovialidade pode ser um caminho facilitador na aproximação, ou seja, a aparência envelhecida distancia os jovens, a aparência jovial aproxima. Então, possuir este espírito jovem surge da conservação de uma aparência considerada ativa e produtiva como se isto fosse um privilégio apenas dos jovens. Segundo Marques (2009) a aparência é a parte pública e visível de uma pessoa no mundo das relações sociais. Isto significa dizer que a aparência também é um caminho para o acesso ou afastamento social e por isso, talvez, a necessidade de parecer ou sentir-se jovem é muitas vezes tão importante.

É interessante perceber a perspectiva da relação social a partir da imagem que passamos, porque a identificação e o olhar do outro pode depender do modo como nos portamos ou aparentamos. Para Mannoni (1995, p.16) “A velhice nada tem a ver com o

cronológico, mas com a posição psíquica do sujeito”. Ou seja, um jovem pode expressar comportamentos amadurecido ou formal, quanto um senhor de meia idade pode ter um comportamento jovial. Percebe-se aqui que a identidade é fator muito forte na construção das relações, em especial jovem e adulto. Beauvoir adverte que:

[...] para reencontrar uma visão de nós mesmos, somos obrigados a passar pelo outro: como esse outro me vê? Pergunto-o ao meu espelho. A resposta é incerta: as pessoas nos veem cada uma à sua maneira e nossa própria percepção, certamente, não coincide com nenhuma das outras. (BEAUVOIR, 1990, p.363-364)

Com isso faz-se também importante que se estimule discussões sobre o envelhecimento dentro dos ambientes educacionais para que sejam quebrados alguns tabus e preconceitos relacionados a velhice, neste caso em específico, aos estudantes de meia idade. Porém, apesar de todo esse sentimento negativo, elas não se permitem abater e vão à busca do que se propuseram a conquistar e encaram sua presença neste espaço com muita positividade e otimismo, pois se reconhecem capazes e satisfeitas com suas escolhas e isto colabora na persistência em vencer essas barreiras que se formam na relação com o outro.

“Eu encaro de uma forma muito positiva, de uma forma assim, que é revolucionária, que a mulher ela tem o direito, que muitos sonhos estavam na gaveta e agora estamos tirando esses sonhos da gaveta e pondo em prática”. (Janete).

“Eu encaro como uma coisa muito positiva entende? Porque apesar da nossa idade a gente tem uma bagagem muito boa de experiência que pode ser trocada aqui dentro da universidade”. (Ana).

O uso da tecnologia

Vivemos num mundo moderno, globalizado, quase que exclusivamente tecnológico, e isso nos obriga a estar inseridos neste contexto da tecnologia, e muitas vezes até mesmo ter uma intimidade com os recursos oferecidos por ela. Porém ao mesmo tempo em que a tecnologia traz inovações e praticidades, para muitas dessas mulheres tem sido um verdadeiro martírio conviver com ela. A mudança de hábitos antes considerados “fáceis” e hoje vistos como “ultrapassados” implica ter que recomeçar uma nova aprendizagem de linguagem e informação que dificulta na realização das tarefas, quando na verdade deveriam ajudar, muito provavelmente porque não é fácil lidar com tantos recursos e informações. Portanto, quando perguntadas sobre o uso da tecnologia as respostas eram sempre negativas. Ex:

“A universidade se desdiz quando diz Paulo Freire, “acolha as dificuldades e os saberes do seu aluno”, quando de repente o professor diz que quer meu

texto impresso, digitado e eu não sei fazer. Que ele quer meu texto numa nuvem, uma tal de nuvem que eu não sei nem onde ela está. Se eu até hoje estudei escrevendo a mão, eu tenho uma letra muito legível, que eu fiz caligrafia no tempo que eu fiz magistério, que exigia, então por que não aceitar meu texto escrito, não é?”. (Maria).

É notório na fala da participante certo medo e resistência ao novo, essa dificuldade ou resistência influencia tanto na efetivação das tarefas acadêmicas quanto na relação de confiança com o grupo classe. Porém, num contexto onde a tecnologia se torna cada vez mais eficaz e rápida, a experiência da maturidade não significa muita coisa, o valor na verdade está na competência de saber lidar com as inovações da informação digital. Para Machado et al. (2012) este público passou a participar de forma mais ativa no meio social, ao mesmo tempo que a tecnologia avançou e exigiu cada vez mais atualizações e conhecimentos por parte de quem dela faça uso.

Então sobre o uso da tecnologia todas afirmaram recorrer à ajuda de alguém, filhos, amigos, até mesmo o “moço da Xerox”. E mesmo diante a ânsia e o stress de aprender e saber lidar com os recursos tecnológicos, essas dificuldades colaboram para sua autonomia e independência, quando sozinhas se veem capazes de utilizar essas ferramentas. Entende-se que os enfrentamentos são diversos e variados, alguns em comum, outros particulares, porém todos contribuem para que essas mulheres não só se sintam atribuladas ou cansadas, mas também determinadas e confiantes ao descobrir que são capazes de superá-los.

Antes e depois

Como estas mulheres assimilam a contribuição deste novo espaço em suas vidas, também foi uma das questões analisadas neste estudo. Os relatos referentes de “como se viam antes e como se veem após ingressar no ensino superior” indicam respostas muito positivas.

“Ah, eu me sinto muito importante. Importantíssima! Anita antes era uma mulher doméstica domesticada pelo marido, hoje ele tem uma outra visão em relação a mim, ele me dá força, ele me traz, ele vem me buscar, ele agiliza minha vida. Ele hoje quer que eu dirija, coisa que ele não queria antes, ele não quer que eu falte, coisa que ele queria antes. Ou seja, ele hoje me vê de outra forma, minhas filhas, meus amigos, meus vizinhos, minha família, minhas irmãs dizem assim: ”eu te admiro tanto” [...] Então assim, eu me sinto importantíssima, pense viu? Eu esqueço até a idade que eu tenho (risos). É, esqueço mesmo, eu me sinto muito feliz, muito gratificada com tudo isso, mesmo com tantas atribuições que eu tenho, tantos relatórios, tanta coisa, mas eu sinto que se eu parar eu vou cair. Eu sinto que eu preciso estar em evidência, assim, fazendo mesmo. Eu me sinto muito bem, graças a Deus. É outra “vibe”!”. (Anita)

“Eu acho que é porque a gente quando chegava na fase do adulto, a gente já ficava esperando só a velhice e hoje em dia a gente não espera a velhice, a gente vai vivendo, a gente não tá mais naquela de ficar dentro de casa que não sabe o que faz, mas eu acredito que 90% das mulheres não querem mais viver dentro de casa que é uma vida ingrata, sem nenhuma satisfação, sem nenhuma gratificação, nada, a não ser, ser servil a família, então eu acho que há necessidade da gente se sentir cidadã, antes de tudo, cidadã produtiva porque todo mundo tem que produzir”. (Ana)

Ao ouvir essas vozes fica claro o tipo de educação recebida por essas mulheres. O modelo de educação patriarcal que colocava e infelizmente ainda coloca a mulher em posição de submissão e obediência. Segundo Konder (2009) esse preconceito ainda tem circulado e se perpetuado nos diferentes modelos sociais e ideológicos determinantes, pois há uma acostumação instalada na sociedade, presente na moral tradicional e em costumes antigos. Libertar-se desse patriarcalismo, desse domínio e poder, usar suas vozes e talentos, tem sido uma das grandes conquistas adquiridas durante décadas. Embora configure um desafio muito grande, o processo de superação da cultura patriarcal irá cedendo pouco a pouco, a medida que mais e mais mulheres reconheçam o seu poder de auto libertar-se.

Além do mais, em seus depoimentos, fica também evidente que estar na universidade nesta fase da vida, tem um significado marcante para elas, afinal estão conhecendo novos conceitos e ideias, diferentes visões de mundo, quebrando tabus e preconceitos, vencendo seus medos, suas inseguranças e percebendo as mudanças políticas ocorridas na história de luta das mulheres.

“Estar aqui pra mim é renovação, é recomeço, é possibilidades. Talvez isso não me sirva mais agora. Talvez, hoje tudo é talvez, né! Porque a gente não tem certeza mais de nada. Talvez não tenha mais campo pra mim a essa altura, talvez eu nem precise mais procurar, mas o que eu quiser, a partir daqui, eu posso!”. (Maria).

“Pra mim estar aqui significa libertação, empoderamento, crescimento, rejuvenescimento, crescimento intelectual. Poder contribuir com o pouco conhecimento que eu tenho com outras pessoas, poder ajudar, entende?”. (Anita)

É perceptível nestas falas que essa inserção no curso superior entra como uma ação transformadora na vida dessas mulheres, pois elas se veem desafiadas por suas próprias expectativas, pelo desejo de progresso e pela aspiração de produtividade social. Sendo assim essa busca lhes garante novas oportunidades e desenvolvimento de novas

habilidades gerando em seus interiores e suas mentes um sentimento de bem-estar social e, conforme Baltes (1997), o retorno aos estudos ao ingressar no ensino superior configura a realização de metas estabelecidas ao longo do ciclo da vida, que por diversas razões foram deixadas de lado.

Perspectivas de futuro profissional

Para concluir nossa investigação, as participantes foram perguntadas sobre suas perspectivas de futuro, neste caso, a maioria afirmou ter planos, ainda que existam incertezas, algumas pretendem seguir carreira acadêmica, como mestrado, doutorado, outras desejam contribuir na área educacional, seja em sala de aula ou na área administrativa, gestão, coordenação, projetos com políticas públicas na área de educação inclusiva, projeto envolvendo letramento e alfabetização das crianças, concurso público etc. Segundo Robbins (1999), “a necessidade do indivíduo de desempenhar uma função que possibilite a utilização de suas habilidades é uma maneira de contribuir para a sua realização pessoal”, e podemos observar isto na prática na fala de duas das entrevistadas:

[...] Mas se eu tiver oportunidade eu quero também fazer o mestrado, compreende? Porque aí eu vou trabalhar com outra faixa, vou trabalhar aqui dentro, né? Ou em outras universidades e aí estarei com outra faixa etária e também poderei ser útil né? Trabalhando com eles. (Ana).

[...] Você quer ser útil ao seu próximo e eu quero ser útil, eu quero trabalhar com eles, eu quero ajudá-los na medida do possível, né? E essa interação com as pessoas, porque eu amo trabalhar com pessoas. (Neide).

Por outro lado, uma das entrevistadas em sua fala, demonstra decepção e frustração, e não há por parte dela, muitas expectativas para o futuro. Isso se dá, segundo ela, por causa da cobrança familiar e pelo atual cenário político que enfrenta o país. A mesma afirma também que o fato de ter ingressado com muita expectativa fez com que ela se frustrasse durante o curso e que pretende concluí-lo, mas que “o pós-graduação é uma coisa que se você parar pra pensar você desiste.” Outro fator apontado por ela como justificativa para a falta de expectativas futuras faz referência à idade, pois afirma que por ser uma mulher mais madura, não tem mais tanto tempo para as coisas, e “quando você se depara com as poucas oportunidades que existem e elas são canalizadas para outra direção que não é a tua, aí isso dá uma queda de ânimo, frustra” (Clara).

Entende-se com esta afirmação que mesmo essas mulheres adentrando no universo acadêmico ainda se faz necessário que haja dentro destas instituições um acolhimento maior para que essas mulheres se sintam seguras e encorajadas a prosseguir, pois estarão diante de um lugar que supostamente irá acolher suas singularidades e de políticas públicas que não as discriminem, inviabilizem ou descartem. Ficam então os questionamentos: O que fazer ao final do curso? Quais possibilidades de trabalho? O que resta para esta mulher maior de quarenta anos além do trabalho doméstico? Há mercado para este público? Ou será que terá que vender pastel como cita em sua fala?

Eu já pensei várias vezes, quando terminar esse curso e eu não arrumar emprego, como é que eu vou ficar? Eu passei cinco anos aqui e se eu não conseguir um emprego? Não era melhor eu ter aberto meu pastel, né? Qualquer coisa minha gente, vai ser o pastel pedagógico, né? [...] Eu gostaria muito de chegar aqui e dizer: “Ah, eu tô cheia de expectativas, tô terminando o curso e vai ser muito bom e não sei o que lá”, mas não estou. Não estou. Definitivamente! (Clara)

Vale ressaltar que vender pastel é tão digno quanto ser pedagogo, mas refletindo sobre a ótica das oportunidades no mercado de trabalho, onde essa mulher irá encontrá-las? Portanto, a frustração e a indignação expressas por essa mulher demonstram quanto ainda precisamos avançar em nossas políticas públicas, para a efetivação de espaços que abarquem este público para o exercício de sua profissão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sem a menor intenção de colocar como encerrado o debate desta temática, externaremos nossas considerações finais sobre o assunto estudado e apresentado neste trabalho, deixando claro que não pretendemos com isso esgotar a discussão, tampouco exaurir as respostas às indagações levantadas, ao contrário, o intuito é que estas colocações tenham o propósito de provocar um espaço de reflexão acerca das questões aqui apresentadas e discutidas.

A partir de nossos objetivos foi possível notar como as mulheres maduras do curso de pedagogia da UFPE têm vivenciado o processo de permanência na universidade em meio a tantos desafios, o que para elas tem sido sinônimo de superação e emancipação. Nossos resultados revelam que os motivos que as levaram a ingressar ou retornar à graduação foram: 1) realização de sonho antigo; 2) melhoria da condição financeira; 3) estabilidade profissional; 4) resgate de si; 5) restauração de autoestima; 6)

desejo de ajudar o outro; 7) vontade de não ficar apenas em casa; 8) dar continuidade aos estudos e aprofundar os conhecimentos; 9) fuga após separação.

A respeito dos desafios e enfrentamentos, vários aspectos foram colocados pelas entrevistadas, tais como: 1) rejeição e preconceito por parte da turma e dos professores, ocasionando bloqueio em suas vozes; 2) ausência na educação dos filhos; 3) demandas das tarefas diárias (trabalho, casa, faculdade); 4) uso da tecnologia; 5) dificuldade de mobilidade; 6) dificuldade de estudar sendo deficiente visual.

Quanto às perspectivas de futuro profissional onze delas afirmam fazer planos e sonham com oportunidades e grandes projetos, como: 1) contribuir com a educação; 2) estabilizar-se financeiramente; 3) trabalhar na efetivação de políticas públicas para Educação Inclusiva; 4) ajudar em programas de alfabetização de crianças; 5) seguir carreira acadêmica; 6) tentar mestrado; 7) ser útil. Apenas uma diz não ter perspectiva por acreditar que dificilmente achará mercado de trabalho para uma mulher de sua idade, já que a realidade política de nosso país não está sequer dando conta de oferecer oportunidades nem para os mais jovens.

A partir de toda a reflexão acima exposta, acreditamos que nossos objetivos foram alcançados, pois pudemos perceber claramente como estas mulheres abarcam, sentem e se posicionam em seus diversos papéis de: mulher; mãe; esposa; estudante; profissional. É possível perceber pontos marcantes e em comum entre as mulheres participantes, relacionados à inserção, desafios e perspectivas. Fica evidente o quanto estão se “empoderando”, termo utilizado por muitas delas, de sua condição de mulher autônoma e atuante, não só no ambiente doméstico, mas fora dele também, ocupando outros espaços tomando-os e tornando-os seus por direito.

Para muitas dessas mulheres a inserção na universidade após os 40 anos, tem sinônimo de refúgio, recomeço, seja no tocante ao que deixou incompleto lá atrás, sonhos, desejos, melhoria financeira, seja para suprir ou compensar algum outro tipo de perda, (separação, morte, etc.) “manter a mente ocupada” ou a “necessidade de estar ocupada”, promove um estado de bem-estar que ajuda de alguma maneira a superar as frustrações presentes, além de representar um fortalecimento à autoestima.

Tais mulheres, devido ao sonho interrompido, ao retomarem sua vida acadêmica passam a redescobrir seu “eu”, a se perceberem “pessoa individual”, com gostos, vontades, desejos e pensamentos próprios e reavivam a certeza da sua capacidade de serem cognitivamente produtivas, dinamizando seus conhecimentos, atrelando-os a outros, apreendendo e experienciando diferentes saberes, seja no campo científico, nas

relações interpessoais, no âmbito profissional etc. Mostrar-se produtiva é sentir-se viva, independente.

A mulher de hoje quer viver o tempo presente, com todas as dificuldades que as esperam, por que agora sabem que todos os espaços também são delas, pois se reconhecem como donas de si e do mundo ao qual fazem parte. Este retorno significativo da mulher, após os 40 anos aos centros universitários, demonstram e confirmam uma mulher de meia-idade que deseja assumir seu papel e lugar legítimos na sociedade, não aquele que lhes fora imposto, estabelecido (e infelizmente incorporado) e perpetuado por séculos e séculos. A desconstrução desse modelo de vida patriarcal traz uma redefinição e quebram antigos conceitos e comportamentos estigmatizados.

Em suma, acreditamos que é preciso rever conceitos e ações que diminuam a ideia, pré-estabelecida pela sociedade, de que há papéis e lugares definidos para as mulheres. Também se deve entender que quando a mulher madura passa a alcançar novos espaços, conquistar sonhos antigos, realizações pessoais, conhecer novas pessoas e dividir seus saberes e experiências, essa passagem pela meia idade é vivenciada como crescimento pessoal, como reafirmação de sua capacidade produtiva, como um rejuvenescimento espiritual, que refletirá direta e positivamente na sua qualidade de vida e no trabalho que poderá desenvolver.

Neste sentido e para concluir, considerando os resultados obtidos e apresentados, espera-se que essas vozes sejam influentes em futuras discussões, pedagógicas e acadêmicas, no tocante à presença deste público nas universidades, seja quanto às relações e comportamentos que se dão nesse espaço, como também com relação ao próprio currículo.

REFERÊNCIAS

ARAGÃO, Milena; KREUTZ, Lúcio. **Do ambiente doméstico às salas de aula: novos espaços, velhas representações**. Conjectura, Caxias do Sul, v.15, n.3, p.106-120,dez.2010.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da educação e da pedagogia: geral e Brasil**. 3. Ed. Rev. e Ampl. São Paulo: Moderna, 2006.

ÁVILA, Rebeca Contrera; PORTES, Écio Antônio. **Notas sobre a mulher contemporânea no ensino superior**. Mal-Estar e Sociedade. Barbacena, ano II, n.2, p.91-106, Jun.2009.

- BALTES, P. B. (1997). **On the incomplete architecture of human ontogeny:** selection, optimization, and compensation as foundation of developmental theory. *American Psychologist*, 52, 366-380.
- BARDIN, L. (2006) *Análise de conteúdo* (L. de A. Rego & A. Pinheiro, Trads.). Lisboa: Edições 70. (Obra original publicada em 1977)
- BARRETO ML 1992. **Admirável mundo velho – velhice, fantasia e realidade social.** Ática , São Paulo, 237pp.
- BAUER, Carlos. **Breve história da mulher no mundo ocidental.** São Paulo: Xamã. Edições pulsar.2001.
- BEAUVOIR, S. **A Velhice.** Tradução de Maria Helena Franco Monteiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- BELTRÃO, Kaizô Iwakami; ALVES, José Eustáquio Diniz. **A reversão do Hiato de Gênero na educação brasileira no século XX.** *Cadernos de Pesquisa*, v.39, n.136, p.125-156, jan./abr.2009.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina.** 5. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2007.
- BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). **Portaria n.9**, 14 de janeiro de 2013. Retificada no Diário Oficial da União n. 17, Brasília, DF, 24 jan.2013, seção 1, p.96. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 16 jan.2013.
- BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios.** 2012.
- COMTE, Augusto. **Catecismo Positivista.** São Paulo: Nova Cultural, 2000. (Coleção Os Pensadores);
- DEMO, Pedro. **Metodologia científica em ciências sociais.** 3a ed. São Paulo, Atlas, 1995.
- FREIRE, P. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar.** São Paulo (SP): Olho D'água, 1997.
- FREIRE, S. A. & RESENDE, M. C.(2001). Sentido de vida e envelhecimento. Em A. L. Neri (org.), **maturidade e velhice: Trajetórias individuais e socioculturais** (pp. 71-97). Campinas , SP: Papyrus.
- GODOY, A.S. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades.** In: Revista de Administração de Empresas. São Paulo: v.35,n.2,p.57-63,abril 1995.

- GUEDES, Moema de Castro: **O contingente feminino de nível universitário nos últimos trinta anos do século XX**: a reversão de um quadro desigual, 2004.
- KONDER, Leandro. **O Marxismo na Batalha das Ideias**: Zuleika, o Marxismo e o Feminismo. São Paulo, Ed. Expressão Popular, 2009.
- LACHMAN, M. E. **Development in midlife**. annu. Rev. Psycho, n.55, p. 305-331. 2004.
- MACHADO, L. R. et al. **A Constituição de comunidades virtuais por idosos**: perfil e perspectivas geron/EDUCACIONAIS. In: Congresso Internacional de Informática Educativa (TISE). Nuevas Ideas en Informática Educativa, XVII, 2012, Santiago. **Anais...** Santiago: Auditorium Telefónica CTC, 2012. P. 31-36.
- MANNONI, M. **O nomeável e o inominável: a última palavra da vida**. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.
- MANZINI, E. J. **A entrevista na pesquisa social**. Didática, São Paulo, v. 26/27, p. 149-158, 1990/1991.
- MARGIS, R.; e CORDIOLI, A. V. Idade adulta: meia-idade. In: EIZIRIK, C. I. **O ciclo da vida humana: uma perspectiva psicodinâmica**. Porto Alegre: Artmed, 2001, p. 159-167.
- MARÍAS, Júlian. **A mulher no século XX**. Tradução de Diva Ribeiro de Toledo Piza – São Paulo: Convívio.1981.
- MARQUES, F.D>C>(2009). **Vaidade física e o consumo na terceira idade**, 12-40. Dissertação de mestrado profissionalizante em Administração) Faculdade de Economia e Finanças IBMEC – Programa de Pós graduação e Pesquisa em Administração e Economia. Rio de Janeiro(RJ).
- ROBBINS, S. (1999). **Comportamento Organizacional**. Rio de Janeiro, GB: LTC.
- SCOTT, J. Gênero: **Uma categoria útil de análise histórica**. In: Educação e Realidade, v.20, n(2. Porto Alegre: UFRGS, 1995.
- SILVA, Erineusa Maria da. **As relações de gênero no magistério**: a imagem da feminização. Vitória: Edufes, 2002.
- SOARES, Guiomar de Freitas. Da invisibilidade à cidadania: um estudo sobre as identidades de gênero. In: SEFFNER, Fernando et al.(orgs.) **Corpo, gênero e sexualidade**: problematizando práticas educativas e culturais. Rio Grande : Editora da FURG, 2006b, p. 61-67.

SARTI, Cynthia A. **Família e individualidade:** um problema moderno. In: CARVALHO, Maria do Carmo Brant de (org.). A família contemporânea em debate. São Paulo: EDUC/ Cortez, 2003, p. 37- 49.

TOURAINÉ, Alain. **O mundo das mulheres.** Petrópolis: Vozes, 2007.

SAYÃO, Deborah Thomé. *Relações de gênero e trabalho docente na educação infantil:* um estudo de professores em creches. 2005. Tese (Doutorado em Educação) – Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.